

*Conceição Evaristo, Ponciá Vicêncio,
Rio de Janeiro, Pallas, 2017*

Maria da Graça Gomes de Pina
UNIVERSITÀ DEGLI STUDI NAPOLI "L'ORIENTALE"

Raríssimos são os males que nos encham de um desejo quase masoquista que nos leva a querer experimentá-los de novo. O mal de África é um desses. Quem pisa a sua terra vermelha, quem sente o seu calor acolhedor, quem descansa à sombra de uma sua árvore centenária, acompanhado por sorrisos sinceros e curiosos, sabe o que é ser tomado por esse *mal* que lhe incute uma nostalgia. Todavia, quando esse *mal* de África se transporta na pele que se tem e aparece etiquetado ao espaço em que se vive, aquela nostalgia e aquele desejo deixam lugar a outro mal que nada tem a ver com África, mas com um vírus que é apenas social. Conceição Evaristo sentiu nos poros esse mal que já não é o de África mas apenas o de ter nascido numa sociedade em que o pigmento da pele e o lugar de proveniência podem qualificar a humanidade.

Numa época em que as mulheres reclamam – muitas vezes sem conseguir ou saber dosear o timbre de voz durante essa exigência – e pretendem um espaço na literatura, um lugar que lhes pertence e lhes é devido, enquanto transportadoras de um modo particular de experienciar a mesma realidade que a sua contrapartida masculina, Conceição Evaristo traz-nos o olhar triplo e fragmentado de alguém que narra. Não só de alguém que narra, mas de alguém que conta do ponto de vista do género, da pele e da origem. Conceição é, como já se deve ter percebido, mulher, negra, favelada. Uma espécie de trindade explosiva que hoje a coloca no interior da literatura contemporânea brasileira, embora relegada a uma das suas extremidades. Com efeito, a sua pulsão para a escrita nasce de um fogo interior que a empurra, obrigada e obrigatoriamente, a ser porta-voz das mulheres negras que com ela e com os seus familiares (termo usado aqui

em sentido muito lato) partilham um certo tipo de experiência sócio-histórica. Em boa verdade, uma das principais preocupações de Conceição, mas também a de outros que como ela sentiram a necessidade de desautorizar, com a própria intervenção social e cultural, o discurso embelezado da democracia racial brasileira, foi tematizar situações históricas como a experiência violenta da escravidão brasileira, o êxodo rural dos descendentes de escravos, ou a remoção das favelas. Como é óbvio, esses assuntos foram tratados igualmente por outros intelectuais os quais, todavia, os exploraram a partir de uma perspectiva contrária, ou seja, vendo-os de fora. Com o florescer de movimentos negros já na década de 70, esse ponto de vista passa a ser outro e a visão/visibilidade dos mesmos temas torna-se diferente.

Nos anos 70, Conceição Evaristo, que nasceu em 1946 numa favela de Belo Horizonte, transfere-se para o Rio de Janeiro e entra em contato com alguns desses movimentos que se caracterizavam pela contestação ao racismo brasileiro e pela positivação da identidade negra. Podemos destacar o SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil-África) e o IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), organizações criadas respetivamente em 1974 e 1975, na esteira de outras criadas precedentemente nos Estados Unidos da América. Portanto, Conceição encontrava-se no espaço onde o tecido histórico e social brasileiro se começava a descoser para tentar dar lugar à trama de um novo desenho. Nos anos 80, a sua participação no grupo Negrícia – Poesia e Arte de Crioulo, que fazia recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, entre outras atividades, muito provavelmente tê-la-á ajudado a focar e, por conseguinte, a enquadrar de maneira mais crítica e aguda ainda os problemas das comunidades às quais se sentia vinculada física e emotivamente. E ao dar-lhes voz por meio dos seus primeiros escritos, Conceição Evaristo transcende a própria individualidade e conta através das suas memórias a história dos seus, familiares e não só, com o objetivo de construir um futuro diverso.

Por meio desse entretecer realidades vividas, narradas, ouvidas, confidenciais, o personagem homónimo do seu primeiro romance publicado, *Ponciá Vicêncio*, torna-se o mensageiro desse ato de lembrar e de narrar que, embora sejam fundamentalmente atos individuais, são executados através de elementos sociais ligados, por exemplo, a símbolos partilhados, à linguagem partilhada, a vicissitudes partilhadas. Em suma, é necessário que o sentimento de partilha seja de certa forma o verso da medalha de um sentimento de pertença.

Ponciá Vicêncio é o romance com o qual Conceição Evaristo obtém maior projeção e onde de certa forma o conceito de literatura negra se põe em discussão. Segundo Zilá Bernd (1988, 22), o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas ao surgimento de um *eu* enunciador que se quer negro, isto é, que assume a condição de negro ao

enunciar o discurso na primeira pessoa. Embora neste romance de Conceição Evaristo, a personagem principal não seja um narrador autodiegético, isso não significa que na voz da narradora não transpareça a própria voz da protagonista. Podemos vê-lo como um jogo de estafetas em que cada corredor passa o testemunho, procurando chegar a uma meta que se vai alongando e redefinindo à medida que o percurso se faz. A mistura das duas vozes, às vezes distintas, às vezes em uníssono, é perceptível em passagens onde o sujeito é ausente e o predicado, num tempo verbal tipicamente narrativo, o pretérito imperfeito, se presta a essa ambiguidade estilística. Dois exemplos: “Estava feliz, sabia ler” (38). “Desde pequena, ouvia dizer, também, que as terras que o primeiro Coronel Vicêncio tinha dado para os negros, como presente de libertação, eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele” (53). É claro que é Conceição Evaristo quem está a narrar a história de Ponciá Vicêncio, todavia, é importante atentar no lugar da oralidade durante a trajetória da autora, um elemento que ela considera importante na sua escrita e que a une a um ideal de literatura em que se procura realizar um resgate de raízes ancestrais. No caso em apreço, raízes africanas.

São várias as passagens literárias em que narradora e protagonista sobrepõem pensamentos e memórias, pois escrever com a consciência da negritude é, para Conceição Evaristo, escrever com a consciência de classe, não só com a da pele: “Ponciá sabia dessas histórias e de outras ainda, mas ouvia tudo, como se fosse pela primeira vez. Bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (55). No romance perpassam-se momentos de consciencialização que mostram que a classe que está mal não deve ser confinada apenas àquela cuja cor da pele é negra, embora para Conceição seja essa a que se acha em maiores dificuldades sociais. Um exemplo acha-se na página 35:

A primeira noite de Ponciá Vicêncio na cidade acabou sendo ali mesmo na porta da igreja. Viu o sacristão fechar a porta. [...] Algumas vezes, ela já havia passado a noite em claro, em festa ou velório, mas nunca sozinha. Sentia frio e medo. Aos poucos foi chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais, e sentiu um calafrio.

A personagem que Conceição cria traz consigo uma herança que precisa de ser *exorcizada*, no que concerne ao passado, *arrumada*, no que concerne ao presente, e *reescrita*, no que concerne ao futuro. A cerca de 130 anos da abolição da escravatura no Brasil, a autora sente ainda a necessidade de debater a questão racial, sendo, segundo ela, a literatura o lugar por excelência onde a alienação

social se pode impedir, de acordo com contextos específicos. É, talvez, por essa razão que Conceição vê a sua atividade de escritora como uma *escre(vivência)*, isto é, como um viver a escrita e um escrever a vida, faces duplas de uma mesma atividade.

Em 2004, após a lei que determinou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil, o romance de Conceição Evaristo foi adotado no currículo escolar. O motivo pode ser facilmente, diríamos, encontrado em várias passagens da obra. Essas passagens, ou memórias literárias relatadas pela narradora, mostram como a herança de que a autora fala atravessam a história de Ponciá, e com ela a de toda a comunidade, para não dizer do Brasil inteiro: “Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, e com o coração a sobrar esperança” (70).

De certa forma, Conceição diz-nos que a única propriedade de que dispõe é essa memória que a liga a todos, como elo de uma cadeia. Uma memória partilhada que a personagem Ponciá precisa de focar em momentos de abstração e de silêncio: “Veio então a profunda ausência, o profundo apartar-se de si mesma” (43). São esses momentos de vazio, de “profundo apartar-se de si”, em que a protagonista se perdia nos domínios da memória, a demonstrar a ligação entre um passado que não se pode negar nem mudar e um futuro que se presentifica com a tomada de consciência da própria identidade. A narradora diz-nos que são atitudes idênticas às do avô, que morrera entre choros e risos, pouco depois do nascimento de Ponciá. Não é casual a identificação destes gestos entre protagonista e avô como método metafórico de exploração da realidade. Mesmo tratando-se de gestos e atitudes que preocupavam os familiares, por os verem como cópias dos do avô que assassinara a mulher e tentara matar-se fugindo ao ciclo das dores a que estava destinado a padecer, no seu subconsciente Ponciá sabe que esse legado que transporta consigo é algo que deve ser posto à disposição de todos. O que não sabe é como fazê-lo, melhor ainda, não chegou à sua consciência. Por meio de silêncios, gestos e atitudes iguais aos do avô, Conceição descreve um veículo de transmissão de uma memória ancestral como modo para mostrar um processo de construção individual que deverá ser coletivo, em que passado e presente se misturam de forma não linear.

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada, e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio.

Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio. (27)

No olhar perdido e vazio de Ponciá, Conceição Evaristo dispõe a tela onde o desenho de uma sociedade recriada deverá tomar corpo, e só quando ela preencher esses vazios, os momentos de silêncio ganharão uma dimensão diferente e renovada. Contudo, no romance, Ponciá é não só a personagem do olhar vazio e silencioso, de um silêncio cheio de perguntas para as quais ainda não encontrou resposta, como é também a personagem que manuseia o barro e por algum tempo ajuda a mãe a vender o produto do seu trabalho. O barro é um elemento importante na caracterização da protagonista e metáfora também dessa transformação necessária na sociedade, uma metamorfose que requer uma remodelação do ser humano. Com isto, Conceição Evaristo quer dizer que o barro, pela sua plasticidade que depois se consolida, representa o trabalho de remodelação da memória, da mesma maneira que se fabrica o barro: água e argila, passado e narração. É um “dom misterioso” que Ponciá possui e na manifestação desse talento, em primeiro lugar aparece a figura do avô: “Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás” (20), isto é, o avô. Essa peça de barro permanecerá por todo o tempo guardada num caixote, até Ponciá começar a “emendar um tempo ao outro, [...] amarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir” (111).

Assim, a “herança” que Vô Vicêncio deixa a Ponciá mostra-se não só na memória da dor, mas na expressividade criativa dessa memória, dessa história de sofrimentos. O que é essencial em Ponciá Vicêncio não é apenas a memória em si, mas o seu processo de construção através da busca de vestígios, de laços, e também o potencial criativo que ela guarda em si. O cumprimento da herança, do destino da protagonista, consiste na revelação da presença de Vô Vicêncio em Ponciá, quando ela pede, chorando e sorrindo, para voltar para o rio onde brincava quando era criança.

Conceição Evaristo afirmou uma vez em entrevista que “quem aprendeu a sorrir e a cantar na dor, sabe cozinhar as palavras”. Saber cozinhar as palavras não é prerrogativa de um gênero, de uma tonalidade de pele, mas de um certo tipo de sensibilidade. Sensibilidade essa que pode ser de qualquer um. Para demonstrar que a voz que Conceição procura fazer falar não tem de pertencer unicamente ao gênero feminino, embora seja esse que ela quer fazer comunicar, a autora faz falar a sua contrapartida masculina. Em boa verdade, é o irmão de Ponciá, Luandi, personagem também de relevo no romance que, ao perceber a consumação da herança na irmã, resume em poucas palavras o que parece ser a posição de Conceição Evaristo em relação ao papel da memória para o povo negro: “Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque

enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (109).

Parece-nos, então, que com a sua escrita, Conceição Evaristo pretende realizar duas operações opostas relativamente a um mesmo objeto, a saber, o mal. No primeiro caso, quer cultivar o mal que possui em si e que é um legado dos seus antepassados, aquele *mal d’África* ao qual está emotiva e familiarmente apegada, pois representa uma parte da sua existência. No segundo, quer extirpar esse outro *mal de África*, aquele que se alastra pela sociedade, que a corrói e lhe deixa uma mancha de ódio, quando consegue entranhar-se no seu tecido esgarçado.

Como se tentou mostrar, Conceição Evaristo procura imergir as mãos nesse composto de argila e água, de passado e memória, no seu esforço literário de questionamento do presente com vista ao futuro. Isso vê-se não só em *Ponciá Vicêncio*, mas também noutros textos seus, romance ou poesia. E é com a poesia “Recordar é preciso” (9), a primeira que abre a coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos*, que concluímos:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.

Bibliografia

- Bernd, Zilá. 1988. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Editora Brasiliense.
Evaristo, Conceição. 2017. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Editora Malê.